



RUMO A UM SINOFUTURISMO QUEER

Ari Heinrich¹, Howard Chiang² e Ta-wei Chi³

“A questão de como um "futuro com características chinesas" pode ser imaginado é particularmente complexa para aqueles com identidades diaspóricas que se encontram no meio, com uma relação ambígua com as visões que isso evoca.”

—Artista Gary Zhexi Zhang (2017)

“O futurismo asiático pode ser complicado de fabular, dado o persistente fascínio da ficção científica por temas e paisagens tecno-orientalistas. Quando se trata do futuro, não é tanto que os asiáticos tenham sido excluídos dele. Tornamo-nos o seu símbolo, o pano de fundo e o manual de estilo.”

—Aimee Bahng (2018)

¹ Professor Ari Larissa Heinrich, FAHA, Australian National University.

² Ph.D., Princeton University.

³ Ph.D., National Chengchi University (Taipei).

Esta edição especial sobre sinofuturismo queer tem como objetivo explorar como artistas e escritores que trabalham em diversos meios em contextos sinofônicos usam a ciência para imaginar - e de fato fabular - expressões de gênero e erotismo não normativas em relação ao futuro corporal da humanidade. Investigando visões do futuro que incorporam a não conformidade de gênero e aplicações criativas de computadores e biotecnologia, esse futurismo visa contrariar discursos tecnologicamente orientalistas generalizados, como os discursos nos filmes *Blade Runner* (Ridley Scott, 1982; e Denis Villeneuve, 2017) que retratam futuros "asiáticos" como estritamente distópicos e heteronormativos por padrão.⁴ O que acontece, pergunta esta edição da "Screen Bodies", se desestabilizarmos simultaneamente as narrativas tecnologicamente orientalistas do futuro enquanto questionamos as suposições sobre a heteronormatividade com tanta frequência inscrita nesse futuro em iterações e encarnações mainstream? Que tipos de fabulações fabulosas podem surgir?

Uma abordagem para questões como essas pode envolver certos aspectos da teoria queer norte-americana, que nos últimos quinze anos desafiou precisamente o problema da heteronormatividade como um marco das "produções de futuro". De acordo com uma lógica do futurismo reprodutivo, por exemplo, a figura da criança em materiais culturais frequentemente representa o futuro. Consequentemente, qualquer ameaça representacional à integridade corporal e ambiental da criança - incluindo os valores simbólicos associados ao fracasso em cumprir os imperativos reprodutivos da heterossexualidade - se torna implicitamente anátema a esse futuro. De acordo com esse modelo, podemos interpretar certos aspectos da mídia contemporânea, ficção e cinema sinofônicos à luz de como eles tratam, em última instância, a figura da criança (frequentemente masculina) (uma figura que às vezes é entendida como fetichizada nas convenções sociais sinofônicas) em contextos utópicos e distópicos. A criança prospera ou perece? Quem produz e sustenta a criança e quem a criança se torna eventualmente?

Considere a figura da criança que apareceu em várias campanhas midiáticas em Taiwan no período pós-milenar, antes do referendo sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Durante esse período, as campanhas midiáticas exploraram a figura da criança para transmitir uma variedade de mensagens políticas. Este futuro da criança, por um lado, foi retratado como vulnerável à ameaça de perder o acesso crítico à

⁴ para a crítica definitiva de *Blade Runner* no contexto dos tecno-orientalismos, ver Park (2010)

educação amigável para LGBT (incluindo o direito ao casamento gay legalizado, um modelo que estende, em vez de revolucionar, as estruturas de casamento existentes), enquanto, por outro lado, ele estava sendo ameaçado pela exposição (percebida) a alimentos irradiados de Fukushima (mesmo quando campanhas separadas instavam os eleitores a abraçar a energia nuclear como a energia do "futuro").

Nessas visões do futuro da humanidade, a criança atribulada representa um importante nexus desse tropos intra-asiático tecnologicamente orientalista e suposições (por exemplo) acriticamente heteronormativas sobre como os relacionamentos domésticos podem ser legislados pelo estado. Uma estética crítica queer de especulação oferece, assim, a possibilidade de desafiar os limites do presente (heteronormativo) enquanto ancora um desestabilizador teórico mais queer de temporalidade, cronologia e encarnação em cenários sinofônicos.

Da mesma forma, considere a videografia do artista Lawrence Lek, cujo "Sinofuturism (1839–2046 AD)" de 2016, descrito como um "ensaio em vídeo" que combina "elementos de ficção científica, drama documental, realismo social e cosmologias chinesas", retrata a paisagem distópica da subjugação da humanidade e dos corpos humanos a máquinas distópicas afetivas.⁵ Invertendo um trope tecno-orientalista clássico, o vídeo de Lek pode ser interpretado como uma espécie de sátira radical, um "resgate" da figura do novo século asiático tecnologicamente dominante. No entanto, em sua representação pessimista da autorréplica industrial implacável, a visão distópica de Lek não acomoda necessariamente uma des/refiguração queer dos futuros reprodutivos. Como Yunying Huang enfatiza em seu artigo para esta edição, por exemplo, ao contrário do Afrofuturismo, promovido ativamente por artistas e produtores de mídia em diásporas africanas, o Sinofuturismo,

5 <https://vimeo.com/179509486> acompanhado do texto: "O sinofuturismo é um movimento invisível. Um espectro já incorporado num bilião de produtos industriais, num bilião de indivíduos e num milhão de narrativas veladas. É um movimento que não se baseia em indivíduos, mas em múltiplos fluxos sobrepostos, fluxos de populações, de produtos e de processos. Como o Sinofuturismo surgiu sem intenção ou autoria consciente, é muitas vezes confundido com a China contemporânea. Mas não é. É uma ficção científica que já existe./Sinofuturismo é um ensaio em vídeo que combina elementos de ficção científica, melodrama documental, realismo social e cosmologias chinesas, a fim de criticar os dilemas atuais da China e do povo de sua diáspora./Com referência ao Afrofuturismo e ao futurismo do Golfo, o Sinofuturismo apresenta uma abordagem crítica e lúdica para subverter clichês culturais./Na mídia ocidental e nas percepções orientalistas, a China é exótica, estranha, bizarra, kitsch, cafona ou barata. Nos meios de comunicação nacionais, a China é retratada como heróica, estável, histórica, grandiosa e unificada. Em vez de contrariar estas narrativas distorcidas, o Sinofuturismo propõe levá-las muito mais longe./Ao abraçar sete estereótipos principais da sociedade chinesa (computação, cópia, jogos, estudo, dependência, trabalho e jogos), mostra como o desenvolvimento tecnológico da China pode ser visto como uma forma de Inteligência Artificial."

como tal, ainda não se desenvolveu em um quadro discursivo com parâmetros identificáveis nos contextos ocidentais, muito menos sinofônicos. Na verdade, à medida que esta edição é impressa, os editores observam que uma nova e maravilhosa edição especial da SFRA Review sobre "Sinofuturismos Alternativos" - desenvolvida a partir de um workshop de 2019 pelo "WuDaoKou Futurists' Collective", um coletivo "com o objetivo de descentralizar o Sinofuturismo ["中华未来主义"] de suas articulações ocidentais" - também explora o conceito de Sinofuturismo a partir de múltiplos ângulos críticos. Como a editora Virginia Conn observa na introdução do volume:

*"Como um modo de situação global e temporal, o Sinofuturismo surgiu amplamente como um conceito aplicado externamente à China por observadores ocidentais. Ao compartimentalizar o desenvolvimento sociocultural como uma forma exclusivamente ligada ao estado-nação, ao mesmo tempo em que busca manter distância e alteridade, o Sinofuturismo difere de teorizações como o Afrofuturismo (com o qual é frequentemente comparado) através de sua aplicação aos sujeitos tomados como objeto, e não desenvolvidos a partir deles. Como resultado, o rótulo "Sinofuturismo" se desenvolveu a partir dos mesmos impulsos orientalizantes que anteriormente relegaram a China a um espaço de atraso e barbárie (Niu, Huang, Roh 2015) e que agora atribuem a ela um futuro projetado. No entanto, este rótulo ocidental é um que autores e artistas chineses apropriaram e utilizaram para seus próprios fins criativos, sem necessariamente compartilhar objetivos unificados."*⁶

Conforme o termo toma forma, ele deve ser colocado principalmente em diálogo com o Afrofuturismo, o futurismo do Golfo e outros? Deve afirmar seu lugar principalmente na resistência às imaginações tecno-orientalistas da ascensão "asiática"? Ou podemos, como o artigo de Gabriel Remy-Handfield nesta edição permite, contrastar de maneira frutífera uma visão mais niilista, como a de Lek, com a de Lu

6 Conn (2020): 66. Uma descrição bilíngue do workshop de 2019 no WuDaoKao pode ser encontrada aqui: <https://freewechat.com/a/mzu4NDu4NDewmA==/2247496554/2>. Os organizadores escrevem que “[o] termo inglês 'sinofuturismo' foi originalmente cunhado por Steve Goodman em 1998, mantido por vários proponentes dos aceleracionistas na década de 2000, reintroduzido através do ensaio em vídeo de Lawrence Lek com o mesmo nome em 2016, agora gradualmente vindo à tona à medida que nos aproximamos da segunda década deste século.” Dino Ge Zhang elabora mais sobre a definição de “Sinofuturismo” na contribuição para a revista SFRA intitulada “Um Diagnóstico do Sinofuturismo a partir da franja urbano-rural”; além (ou além) da coincidência de seus cronogramas de publicação sobrepostos, “Sinofuturismos Alternativos” e “Sinofuturismos Queer” poderiam ser lidos juntos, de forma complementar.

Yang em sua animação CGI de 2013, "Uterus Man", uma obra que utiliza estéticas tecno-futuristas para imaginar um super-herói cujos poderes derivam de seu "sistema reprodutivo feminino exclusivo" (um sistema usado para alterar as funções hereditárias, gêneros e sexos de seus inimigos)?⁷ Podemos ter nosso bolo (de casamento gay) e comê-lo também, evitando as armadilhas das suposições não queer/heteronormativas na construção de uma nova categoria radical, enquanto resistimos, mesmo implicitamente, às imperativas tecno-orientalistas?

O que significaria, em outras palavras, criticar obras de ficção especulativa e arte sem inscrever os valores padrão da heteronormatividade ou os envoltórios centrados no Ocidente (as "configurações de fábrica" da ficção especulativa contemporânea, muitas vezes tecno-orientalista quando associada à "Ásia", ou "a fascinação persistente da ficção científica por temas e paisagens tecno-orientalistas", como Aimee Bahng menciona acima)? Qual é a estética de um futuro Sinofuturista queer - Como ela se parece e, mais importante, como ela se sente? Mais especificamente, os seres humanos são os únicos árbitros exclusivos do afeto queer, ou há espaço para apego emocional nos mundos virtuais desencarnados da nova consciência de A.I.? E que gêneros, se houver, são do Sinofuturismo queer? As terapias antigas podem ser atualizadas para abordar a corporeidade contemporânea de maneiras que questionem tanto o passado quanto o futuro da virilidade e do meio ambiente? Em resumo, uma crítica estética dos Sinofuturismos queer pode trazer futuros especulativos em contextos sinofônicos para uma conversa com maneiras não reprodutivas e verdadeiramente heterogêneas de imaginar e criar mundos mais equitativos?

Ao responder a essas perguntas em um quadro sinofônico, em vez de um modelo puramente baseado em nação ou diaspórico, os artigos a seguir estabelecem novas análises conceituais para desestabilizar categorias que foram dadas como certas ou geralmente aceitas. Por exemplo, muitos dos estudos de caso desafiam os modelos binários do tecno-orientalismo, chamando a atenção para os espaços liminares ou sobrepostos - não apenas físicos, mas também virtuais - entre a China e o Ocidente. A autenticidade performativa dos usuários de novas mídias desnaturaliza as conexões interpretativas entre a formação de identidade, expressões queer online e lógicas desenvolvimentistas de reprodução cultural. Uma abordagem sinofônica para a aceleração tecnológica da China também se distingue na forma como a criatividade artística

⁷ <https://vimeo.com/82164043>.

desconstrói a teoria do assemblage pós-humano em si. O que está em jogo aqui não é a insistência de um único método para imaginar o futuro ou a futuridade. A heterogeneidade de articulações inovadoras nem sempre precisa presumir uma localização que esteja fora de uma estrutura social como um todo. No entanto, sua relevância crítica pode ser percebida a partir de iterações inesperadas de resistência e transformação. Afinal, se o futuro - queer ou sino - é um lugar a ser, ele só pode construir com base no passado processual, no presente condicional e em sua produção mútua.

Esta edição especial de Screen Bodies sobre um "sinofuturismo queer" emprega uma série de modalidades para abordar questões urgentes sobre cujo futuro foi imaginado ou é imaginável para a humanidade, e como essa imaginação se desenrola em relação ao corpo, tanto corpóreo quanto virtual. Além de artigos acadêmicos, ela inclui uma opinião, um artigo de foto de um artista (com acompanhamento de texto) e entrevistas com escritores contemporâneos. Ela apresenta trabalhos de acadêmicos e escritores/criadores emergentes e estabelecidos, todos os quais participaram de um processo de crítica de desenvolvimento com os três coeditores antes da revisão por pares. Destinada como uma intervenção preliminar, esta edição especial de Screen Bodies convida contribuidores e leitores a criticar, melhorar - ou abandonar completamente - as narrativas do "futuro reprodutivo" de si associadas à teoria queer norte-americana, a fim de considerar não apenas o que "Sinofuturismo" pode significar daqui para frente, mas também o que pode significar queer o termo desde o início e desenvolver seu potencial para imaginar futuros alternativos em diálogo com o Afrofuturismo, os Futurismos do Golfo e além.

O designer Yunying Huang abre a edição com uma crítica das representações tecno-orientalistas de futuridade chinesa em seu artigo "Sobre o Sinofuturismo e a Raça: Para Além dos Limites do Prognóstico e da Escatologia". Tendo em vista as estruturas do racismo global e os mitos da futuridade tecnológica asiática, a Huang não apenas considera o Sinofuturismo como parte de uma constelação global de utopias distópicas, mas também delineia uma genealogia que compreende este futuro como um estágio temporário (ou um "em-andamento"), cujas representações culturais não têm simplesmente uma função de destino. Huang chama a atenção para as semelhanças e diferenças entre as visões

apocalípticas do futuro como um fracasso inevitável da civilização e as representações sinofuturísticas que o retratam como uma ascensão tecnológica tão devastadora quanto esperançosa.

O seguinte, o artigo do escritor queer chinês Gabriel Remy-Handfield, "Negociação do Futuro Desorientado em Dystopias", contrasta as visões mais niilistas e às vezes sombrias do Sinofuturismo de Lawrence Lek com a ficção especulativa queer do artista chinês contemporâneo Lu Yang, propondo como essas imagens opostas enfrentam uma dura concorrência com padrões ocidentais de compreensão do futuro. Enquanto Lek retrata paisagens distópicas, nas quais a subjugação de corpos humanos à mecanização se torna um espetáculo visual, Lu Yang utiliza estéticas futuristas para imaginar personagens hermafroditas e poderes sobrenaturais impulsionados por tecnologia reprodutiva. A dualidade das visões do futuro ilustra como a estética queer pode ser usada para desafiar os discursos tecno-orientalistas enquanto incorpora des/refigurações queer do futuro reprodutivo.

Os escritores Gary Ka-Wai Cheung e Susan Corson-Finnerty expandem o diálogo sobre a apropriação queer do tecno-orientalismo com seus artigos "Mestra G (2017) e O Não-Arquivo de Yanira Castro" (2017) e "Meu pênis, uma bengala: o espírito corrompido da revolução no Taipei, ou caixa de pandora" (2017). Enquanto Cheung e Corson-Finnerty observam que o Sinofuturismo fornece um contexto crítico para o diálogo queer, exploram como as imagens queer, incorporadas no feminino, influenciam o desenvolvimento do Sinofuturismo. Mestra G destaca o que Cheung chama de "transformismo" - a capacidade de dominar as mudanças de gênero, passando como mestra de gênero queer (uma atitude que aparece ao longo das entrevistas da edição com a artista Wei Xiang), que destaca uma resistência subterrânea à repressão governamental das identidades queer. Os diferentes visuais e gêneros performáticos das duas atrizes centrais da peça destacam um espetáculo queer que não se dobra às expectativas normativas. Em comparação, a artista Yanira Castro se descreve como uma "pesquisadora ilegal de bordas de gênero" que experimenta com as proibições de gênero em sua própria família. A artista explora essas fronteiras no contexto da dança contemporânea, usando a "conversão" de estereótipos de gênero para corpos específicos como uma performance crítica. O não-arquivo de Castro cria conexões especulativas entre eventos ausentes para imaginar um espaço para viver dentro de certos "buracos" de gênero. Por fim, ao explorar

performances queer e estudos críticos de dança em Taipei, Ka-Wai Cheung explora a cena drag de Taipei em 2015, considerando a drag como um método para quebrar os limites do estabelecimento. O artigo de Cheung também explora a carreira do rapper e cantor queer Waa Wei, apelidada de "Imperador da Rap da Geração" em 2015, como uma resistência subterrânea à história oficial da cultura da rua, que marca o tédio do rapper diante de um estilo de vida vazio, efeminado e encharcado de testosterona.

Lauren Fournier retorna aos temas da filosofia da fecundidade que explorou em seu livro *Autotheory in Life Writing and Conceptual Art: Counter-History as Unnecessary Facticity* (2018) em seu artigo de foto, "Infecção Devolutiva: On Autotheory, Reproduction, and The Beggars: The Artist Is Present" (2017). Embora a virilidade possa estar vindo cada vez mais para o centro dos debates do Sinofuturismo, Fournier explora como as ideias teóricas da reprodução afetam a performance artística, ao se concentrar na conexão entre reproducibility e a reimaginação do futuro. Fournier compara a virilidade com outros esforços masculinos em direção à autorrepresentação, observando como a virilidade é frequentemente reforçada e realizada através da procriação. Comparando a reprodução reprodutiva com a produção criativa na performance artística, ela argumenta que a reprodução e a pró-criatividade estão entrelaçadas. Ao abordar a ideia da reprodução reprodutiva como reprodução, o autor sugere que o Sinofuturismo pode ser explorado através de performances queer, com foco nas maneiras como os artistas performáticos "deformam" os órgãos masculinos. A co-fundadora do Sinofuturismo, sinóloga e curadora artística Iris Long, criou a obra de arte "Interinseminação" em 2018, uma performance na qual dois cromossomos Y são anexados a uma ovulação, liberando uma fecundidade transespecífica que traz novas conexões não humanas. Essa ideia de autorreprodução por meio da fusão de gametas masculinos destaca a infecção de estereótipos de gênero virilistas e reflete sobre a natureza da virilidade como um modelo de criatividade. A arte de Long explora o potencial para o Sinofuturismo como um projeto que tem a capacidade de dar à luz uma nova futuridade.

A série de entrevistas oferece uma visão aprofundada das ideias por trás dos Sinofuturismos e das práticas do artista, enquanto desafia as abordagens tanto da crítica sinológica quanto do Sinofuturismo queer. A primeira entrevista, "Eu sou uma artista queer do futuro com características chinesas": Entrevista com o artista Law Yuk Mui, revela a visão de Law como uma "futurista asiática que busca imaginar o futuro

a partir de uma perspectiva não ocidental", ao explorar como as ideias queer afetam a criatividade artística. Ela explica como o Sinofuturismo desafia as perspectivas da futuridade como definidas por um modelo baseado no heterossexismo. O uso da expressão Sinofuturismo pelos artistas se refere a uma abordagem pós-humana para imaginar uma identidade queer do futuro, enquanto criação artística em direção a um deserto des/sexualizado. Em segundo lugar, a entrevista "Observando a Teoria Feminista da Tecnologia e a Cultura Visual Chinesa" com o artista Lawrence Lek apresenta um artista que desafia as representações artísticas, ao combinar a ficção científica e o documentário social, criando visões distópicas do futuro. Lek usa a expressão "Sinofuturismo" como uma maneira de reimaginar os conceitos tradicionais de poder, que passam dos pés das mulheres para o controle da tecnologia, questionando o que é necessário para sustentar o domínio do macho dominante sobre a Terra. A terceira entrevista, "Sinofuturismo e Queerology: Entrevista com a artista Wei Xiang", destaca como a criatividade de Wei e sua paixão pelo direito a ser queer que desafiam os discursos dominantes dos outros chineses na sociedade. Essa criatividade busca "ser queer na visibilidade" e desafiar a repressão de identidades queer na China. O uso da expressão Sinofuturismo é uma maneira de resgatar visões criativas que são desvalorizadas pelas normas culturais.

Por fim, o autor Yu-yun Hsieh oferece uma opinião sobre o artigo que traça as conexões entre o passado e o presente e entre o Ocidente e a China para explorar o conceito de Sinofuturismo queer. Este artigo sugere que o passado afeta o presente, o que afeta o futuro, ou seja, o que aconteceu antes e o que acontece agora afeta o que acontecerá no futuro. A autora destaca como o Sinofuturismo é construído a partir de ideias e imagens de que a civilização chinesa está destinada a crescer, ganhar poder e finalmente competir com a civilização ocidental. Também destaca as imagens de que a China é um local de segurança, que as pessoas podem fugir para o futuro quando algo der errado, como a ameaça de guerra nuclear ou outras ameaças à humanidade.

Em suma, esta edição especial da Screen Bodies sobre "Sinofuturismo Queer" é uma coleção de ensaios acadêmicos, entrevistas e obras de arte que exploram como artistas e escritores que trabalham em contextos sinofônicos usam a ciência para imaginar futuros não normativos em relação ao corpo e ao gênero. Ela critica as narrativas tecnologicamente orientalistas do futuro enquanto questiona as suposições

sobre a heteronormatividade. Através de uma análise crítica de obras de ficção especulativa e arte, os contribuintes desta edição buscam desestabilizar categorias estabelecidas, oferecendo novas perspectivas sobre o que o Sinofuturismo queer pode significar e como ele pode ser usado para imaginar futuros alternativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHNG, Aimee. 2018. **Migrant Futures: Decolonizing Speculation in Financial Times**. Durham, NC: Duke university Press.
- CONN, Virginia L., ed., Special Issue on “Alternative Sinofuturisms,” **SfRA Review** (Vol. 50, no. 2–3 Spring–Summer 2020): 66–112.
<https://sfrareview.org/2020/09/04/50-2-a0conn/>
- HEINRICH, Ari. forthcoming. **Ta-Wei Chi, The Membranes**. New York: Columbia university Press.
- PARK, Jane Chi Hyun. 2010. **Yellow Future: Oriental Style in Hollywood Cinema**. Minneapolis: university of minnesota Press.
- ZHANG, Gary Zhexi. 2017. “Where Next? Imagining the Dawn of the ‘Chinese Century.’” **Frieze**, 22 April.
<https://www.frieze.com/article/where-next>.